TL 6447-1

Testemunho sobre as "eleições" de '82

Em 82, os invasores indonésios tentaram representar a mesma farsa realizada na Nova Guiné Ocidental. Mais uma vez em 1982, em Timor-Leste foi uma farsa descaradamente organizada, quase infantil o modo como se comportaram. As "eleições livres" de 82 em TL foram fabricadas propositadamente ambíguas, de duplo objectivo sem nenhum valor. Para nós Timorais: foi imposta a "eleição livre". A propaganda indonésia nesses dias proclamava a "liberdade" que os Timorais recuperaram, e o "direito" que foram, esse de votar nas "eleições" de 82.

As eleições para a DPR indonesiana, votando nos três partidos do país invasor que sentido tinha para nós?

Para o mundo internacional: as eleições foram apresentadas pelo indonésios como a expressão da livre vontade do Povo de TL, que queria a integração, etc.

1. Preparativos das "eleições livres"

Ao longo destes quase onze anos de guerra, já tantas listas, tantos recenseamentos se fizeram, a todos os níveis: de aldeias, vilas, postos, concelhos, e "província". Para as eleições, novas listas, novo recenseamento: renovação do KTP, inserção de famílias, o que custava dinheiro e mantinha a população numa angústia e terror constantes por causa do contínuo e indesejável contacto com os militares.

Os militares queriam assegurar a vitória do Golkar. Toda a entrada em TL, mesmo de Indonésia, era controlada. Ninguém entrava "para fazer campanha". Quem tinha estas ligações, foi preso, como estudante que regressava para férias, meses antes das tais eleições, para ser interrogado. Uma das perguntas era sobre a campanha, por qual partido ia votar, por que razão.

Os representantes dos outros dois partidos – era só para a fachada, porque tinham estabelecido que o Golkar deveria vencer, e em TL devia ter a maioria absoluta.

Patrulhas arbitrárias de quem nada tinha KTP em "ordem"; na vila do interior, vigilância nocturna ("jaga") acentuou-se sua frequência e controlo indonésio. Toda vida paralisada: longas filas, grandes multidões para o abastecimento → lojas abandonadas; tudo concentrado. "Surat jalan" muito mais apertadamente controlado.

Houve "campanhas" de esclarecimento dos "3 partidos". Em Dili quiseram envolver também alguns Padres na "campanha", que era tudo uma farsa bem organizada pelos militares. Tiveram o cuidado de atacar a Fretilin nessas campanhas, de dizer que não existia mais, etc. O autor deste testemunho esteve presente a campanhas no interior, e em Dili; e assistiu às "eleições" em Dili. (2ª parte)

Outra actividade: Todos os homens e rapazes deviam sair a limpar, capinar o capim das estradas, isto tanto em Dili como nas vilas do interior → limpeza. Funcionários também não escaparam. Vigilância nocturna em Dili foi reforçada, com o Toque de recolher das horas, como de costume.

Em Dili e no interior longos cortejos de "manifestação de entusiasmo". Por exemplo em Viqueque. Todo o povo das aldeias vizinhas da vila, antes mais distantes, todo reunido na vila para uma manifestação de apoio ao Golkar, presidida pelos militares com os seus "catalisadores físicos". Distribuíam bandeirinhas, punham o povo todo em marcha a custo esclarecimento durante o dia inteiro, desde a manhã (para isso o povo devia vir na véspera com todos os cuidados e perigos que isso comportava). À tarde o cortejo à volta da vila, gritando "viva ind, viva soharto, viva Golkar, e viva Timtim!"

Havia pena para repórter e jornalista para a ocasião, operadores de televisão. Os discursos eram preparados pelos militares ou corrigidos por eles. O Mariano Lopes dizia em público vivas à "grande e gloriosa nação indonésia", enquanto virava aos amigos dizer outras coisas. O Mariano Lopes foi dos que mais se entregaram à causa indonesiana.

Jostaria de dar uma noté sobre a atitude do Povo -, o simples povo, "iletrado" das montanhas de TL que existem: sacrificado, sofrendo tantas privações e dificuldades - foi sempre o que foi. Sereno, Digno, Corajoso, solitário mas solidário com os camaradas de Resistência. O povo em massa, controlado pelos militares (que tinham evacuado as casas, e obrigado toda gente a participar) repetia os que dirigiam o coro, caminhando com o passo pesado, mas firme e seguro, lento. Com a mais simples, imóvel, levantavam e devez em quando ajeitavam a bandoleira, aquele farrapo bisotar. Com a esquerda, segurava alguém, a mulher, ou o filho. Sua boca repetia os slogans que de vomitava logo ao repeti-los: "viva indonesia, viva independência".

Preparativos próximos

1. Revista militares às casas. Assisti e vivi isso em Dili e também no interior. Sempre que montras rejeitá-la fez o mesmo. Não era certa a hora da "visita": de uma emergida (sempre apresentavam alguma motivo para isso), ao meio dia, ou à tardinha.

2. Construções segundas casas-tendas no campo da vila. Era o povo forçado a construir isso. Sem ser pago. Era obrigatório cada aldeia fornecer mão pessoal.

3. Quando era preciso mudar de sítio (falo do interior do país) para fora da vila, "por razões de segurança (!) era o povo de novo que era assim tratado como bestas de carga, escravos para todo esse trabalho inútil, a fazer isso. As hortas abandonadas. E ainda as "jagas" nocturnas. O facto só de fazer o "petrilu" (eleições) fora da vila já cria o terror: rodeado de floresta, concentrado a população num campo duplo → ameaçava e obrigava depois a votar no Falkar.

4. "Treino" do "pemilu" : era preciso fazer o "ensaio geral". Os militares indonésios "ensinaram" a fazer o pemilu e a escolher o bom, o melhor : Golkar. Introduzir o cartão na caixa do Golkar.

5. Militares em prevenção : tanques e helicópteros militares, aviões militares também desaparecem de Dili. Estavam só alguns "hansips" de guarda, para a "segurança civil". Queriam dar a impressão de liberdade. Mas tudo estava organizado, para ser como eles queriam. Quem sentou votou contra, apanhou pancadaria. Quem não foi "votar" recebeu "visitas" - mas neste momento não tenho à mão dados mais concretos sobre o número destas pessoas.

Dia das "eleições livres" - PEMILU que eram L.U.B.E.R : "langsung, umum, bebas, rahasia" : "directas, gerais, livres, secretas". De manhã, sinos das aldeias (não das igrejas, porque postos de vanda nocturne têm um sino) chamam o povo todo. Depois de se recordar o dever de "votar segundo a consciência", eles colocaram três "hansips" por detrás das caixas, dentro da casita em campo aberto. A casita, sem paredes - só varas de separação. Todo a gente via. Não era secreto. Não era livre : havia três caixas. Deviamos votar só a caixa do Golkar.

O terror invadia toda a população. Todavia muita gente não foi ao "pemilu", porque via nisso o jogo dos indonésios. O que vi de Dili - nem metade se tinha apresentado, nesse dia, apesar das ameaças. Das onze horas às duas da tarde, com toda a gente debaixo do sol, e tudo estava acabado. E no visto seguinte, apareceram os resultados de Televisão indonesia. Número de votantes incrível, e vitória absoluta do Golkar.

Isso era de interesse interno do governo, que o Golkar vencesse, e fizeram assim mais votos (imaginários)

com o país diminuiam o alcance da acção dos outros partidos indonésios.

Para o mundo internacional foi apresentado como a eleição livre para escolher a indonesia? Só contradições sobre contradições! Já em 76 diziam que o Povo escolheu o seu destino: integração.

Timor Leste é o teatro das lutas internas indonesianas, tanto em política, como em religião, em economia e tudo. Ao mesmo tempo lutam pela "integração total" que o diário "Sinar Harapan" reconhece "não estar acabado" num comentário das vésperas de celebração do 10º aniversário de "integração".

No dia da "eleição" - tudo parecia em liberdade, ambiente de aparente calma fabricada e forçada. Mas os preparativos intensos, esses é que eram a verdade: violência, intimidação, aprisionamento, ameaças. Até os funcionários, os que deviam fazer parte do aparelho do partido, são forçados. Todo funcionário é automáticamente membro do Golkar. Depois, alguns deles, ainda são forçados a fazer parte destas tais "caminhadas para as eleições".

A corrupção também teve seu papel. O orçamento para isso era chuva de dinheiro, que ia parar no bolso de alguns, também, dos Timorenses traidores.

Quem indirectamente travou a publicação de um documento da Igreja foi um padre indonesio bem colocado junto dos militares. Esse documento condenava essas "eleições livres em Timor" e convidava ao diálogo. A situação piorou desde então: novas operações militares, fome, etc - e foi isso a situação que o documento de 1. Jan. 85, realmente assinado pelo Administrador Apostólico veio a provar isso.

Para 1982

1. A repressão será mais violenta e feroz – a saber, na "fase da preparação e do treino". A realização será sob uma capa de "liberdade", de "contentamento do povo", de "igualdade" (porque há aqui muitos indonésios aqui) de "desenvolvimento".

O que interessa para algum observador seria sobretudo a fase de preparação e do treino, o que é praticamente impossível!

2. Tentarão envolver a Igreja mais profundamente, por exemplo, introduzindo membros do PDI (que é um partido com alguns elementos católicos do antigo partido católico) entre o povo geral e a Igreja. Poderão mesmo desenvolver uma feroz guerra entre o folket e o PDI, e levar a Igreja a pôr-se ao lado do PDI, destruindo assim a Igreja no "campo político interno", porque

por "interesses católicos"

o folket é que terá de levar a vitória.

E para o verdadeiro problema de TL, a Igreja perde em peso, e na sequência contra dos militares indonésios contra ela, a Igreja sairá cada vez mais fraca.

3. A "posição de chefia" ainda que só de nome, de alguns timores até há algum tempo, na administração ocupante, já para a favor dos indonésios. Hoje isso já é mais fraco, para muito. É tudo indonésio, salvo um ou outro. Isto é negativo para os indonésios, porque cria a antipatia do povo. Mais uma razão para envolver a Igreja nos problemas que não são de TL mas que são de Indonésia. Este medo já foi manifestado em antecedência pelo governador Jamboche que pediu mais autonomia, pode os timores. O governo de Jacarta poderá conceder isso — e aparecerá ao público um "Timor-Timor governado por timores" → só na fachada.

entrevista a Kompas – citado pelo Herald Tribune de 17/2/86.

4. A <u>situação interna da Indonésia</u> [insegurança do sistema actual; nossas fontes de informação aneparam que na condução dos negócios de estado do dia a dia, sucharno está cada vez mais irascível, e ditador, mesmo nas relações com os ministros. Já vem acima críticas deles; islamismo crescente; incerteza quanto ao "sucessor") obrigará os militares (que estão no poder a uma "boa jogada" nestas próximas eleições deles. Em Timor Leste, vão "repetir melhor" a farsa de 1982. Os temas serão o desenvolvimento, a liberdade, a igualdade, os estudantes em marcha a estender na Indonésia, nível de progresso indonésio, etc. Outro tema, dirigido inteiramente aos resistentes ou "descontentes" como eles chamam os nacionalistas, será o sempre à Fretilin. Estudantes timorenses em Jacarta [um grupinho] organizados pelos militares já vieram para aqui a fazer "esclarecimentos políticos", preparação para o 10º aniversário da integração.

Por razões de segurança, não assino.
Obrigado por tudo.